



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI POETA PINTO DE MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA GILVÂNIA BEZERRA DE FREITAS**

**LITERATURA: os contos de fadas na Educação Infantil**

MONTEIRO-PB

2015

**MARIA GILVÂNIA BEZERRA DE FREITAS**

**LITERATURA: os contos de fadas na Educação Infantil**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Nefatalin Gonçalves Neto

MONTEIRO-PB

2015

**F866I Freitas, Maria Gilvânia Bezerra de**  
**Literatura [manuscrito] : os contos de fadas na Educação**  
**Infantil / Maria Gilvânia Bezerra de Freitas. - 2016.**  
45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em PRIMEIRA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DO PARFOR EAD) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio,  
Técnico e Educação à Distância, 2016.

"Orientação: Prof. Ms. Nefatalin Gonçalves Neto, PROEAD".

1. Leitura. 2. Literatura Infantil. 3. Ensino. 4. Contos de  
Fadas. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

**MARIA GILVÂNIA BEZERRA DE FREITAS**

**LITERATURA: os contos de fadas na Educação Infantil**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como pré-requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do programa CAPES/PARFOR da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB – Campus VI Monteiro-PB.

**Aprovada em 24 de Julho de 2015.**

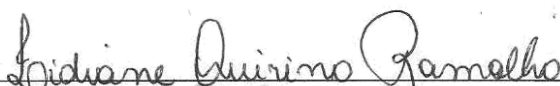
**EXAMINADORES**



---

Prof. Me. Nefatalin Gonçalves Neto

(Orientador)



---

Prof. Esp. Lidiane Quirino Ramalho – UEPB

(examinador interno)



---

Prof. Me. Lílian Barbosa – UPE

(examinador externo)

Dedico este trabalho em especial a minha família, que sempre me deu apoio no decorrer dessa caminhada e nos momentos mais difíceis, por terem acreditado, junto a mim em meu sonho e terem sido pacientes e me encorajado nas horas de difíceis. A todos que estiveram comigo nessa trajetória, fazendo cada momento valer a pena.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família, em especial a minha mãe por sua dedicação e carinho nos momentos de medo e desânimo.

Ao meu esposo e filhos que sempre me apoiaram, me dedicaram amor, compreensão e paciência, estiveram comigo me ajudando a transpor as dificuldades.

Ao meu orientador, professor Nefatalin Gonçalves Neto por sua paciência, dedicação, por me auxiliar e acreditar em minha capacidade.

A todos os professores, demais coordenadores e idealizadores deste curso, que contribuíram para a minha formação e crescimento profissional.

A todos os meus amigos e colegas por serem companheiros e se entusiasmarem comigo, por terem feito parte dessa minha história, em especial a Valdenice, Enezia, Evanice, Lucelma e Monyse, Daniele Tavares, pessoas por quem tenho profunda admiração, carinho e gratidão.

Finalmente agradeço a Deus, fonte de misericórdia e poder, que guiou-me na realização desse sonho e me fortaleceu todas as vezes que pensei em desistir.

## LIVROS

Os livros, penso que são  
Como portas encantadas,  
Que levam a lindas terras,  
Onde moram anões e fadas.  
Lugares longe e tão belos  
Aonde eu não podia ir,  
Mas, agora, com esta porta,  
É só ter cuidado e... abrir.

(Adelaide Love)

## RESUMO

O presente estudo trata do tema literário os contos de fadas na Educação Infantil, e tem por suporte o ensino de literatura nos moldes tradicionais, além de ter por embasamentos teóricos, dentre outros, Bettelheim (1980), através do qual podemos refletir sobre o tema de forma mais aprofundada. Buscamos descrever de forma geral, como se configura os espaços de ensino da literatura infantil em nossas escolas, quais aportes teóricos e metodológicos são utilizados por gestores e professores da Educação Infantil destas escolas para superar o déficit de leituras de literatura infantil nas fases iniciais da infância. Em sequência tecemos algumas considerações e propostas de como assegurar as crianças da educação infantil um ensino eficaz da literatura através da leitura de contos de fadas. Procuramos apresentar algumas hipóteses de como se configura a mente infantil diante da leitura de um conto de fadas, quais elementos e fantasias a criança elabora para lidar com a linguagem oferecida por esta tipologia textual. Por meio das análises realizadas percebemos estudos referentes a métodos e metodologias à serem utilizadas, especificamente para o ensino da leitura de literatura infantil, além de construirmos nossas próprias hipóteses de como lidar com este tema em sala de aula de forma diversificada e dinâmica a ponto de atrair e formar bons leitores.

**Palavras-Chave:** Leitura. Literatura Infantil. Ensino. Contos de Fadas.



## ABSTRACT

This study deals with the literary theme fairy tales in kindergarten, and is to support the teaching of literature in the traditional mold, and has a theoretical grounds, among others, Bettelheim (1980), through which we can reflect on the theme in more depth. We seek to describe in general, the configuration of the teaching spaces of children's literature in our schools, which theoretical and methodological contributions are used by managers and teachers of early childhood education these schools to overcome the deficit of children's literature readings in the early stages of childhood. Sequentially weave some considerations and proposals on how to ensure children from preschool effective teaching of literature by reading fairy tales. We try to present some hypotheses of the configuration of the infant mind on reading a fairy tale, what elements and fantasies the child prepares to deal with the language offered by this text typology. Through the analysis performed realize studies on methods and methodologies to be used specifically for the teaching of children's literature reading, in addition to building our own assumptions of how to deal with this topic in the classroom of diverse and dynamic way as to attract and train good readers.

**Key-words:** Reading. Children'S Literature. Education. Fairytale.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2 A GESTÃO ESCOLAR E A PARCERIA COM OS EDUCADORES</b>	12
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	12
2.2 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E GESTORES	13
2.3 TIPO DE CLIENTELA E SEUS DESAFIOS	15
2.4 ALGUNS DESAFIOS DA GESTÃO	15
2.5 PERCEPÇÕES DO ESTÁGIO	16
<b>3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL</b>	17
3.1 PRÁTICA EDUCATIVA E O ENSINO FUNDAMENTAL I	17
3.2 ESTÁGIO E SUA EXECUÇÃO	18
3.3 RELATOS DE OBSERVAÇÃO	18
3.4 INTERVENÇÃO	20
<b>4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	21
4.1 OBSERVAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
4.2 INTERVENÇÃO	23
4.3 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	26
<b>5 LITERATURA: os contos de fadas na Educação Infantil</b>	29
5.1 O USO DA LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA: formando leitores	29
5.2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL MUNDIAL E BRASILEIRA	31
5.3 APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADAS	35
5.4 ALGUMAS PROPOSTAS E REFLEXÕES NO ENSINO DE LITERATURA INFANTIL	35
5.5 O SIGNIFICADO DOS CONTOS DE FADAS PARA O INFANTIL: contribuição da psicanálise	40
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	43
<b>REFERÊNCIAS</b>	44

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é determinada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394/1996, como sendo “a primeira etapa da educação básica”. O direito de educação com qualidade a todas as crianças de 0 a 6 anos encontra-se assegurado também na Constituição de 1988 e foi reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei nº 8.069/1990 e no Plano Nacional de Educação (PNE) –Lei nº 10.172/2001. A LDB no ano de 1996 só veio acrescer e representar um marco histórico de grande importância para a educação em nosso país.

Para se oferecer um ensino de qualidade às nossas crianças necessitamos de profissionais capacitados, dispostos e comprometidos com a tríade integrada do brincar, cuidar e educar, apresentada pelo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI). Nesse sentido, o RCNEI (2001) orienta que o ato de educar significa propiciar situações de cuidados e brincadeiras organizadas em função das características infantis, de forma a favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem. A educação infantil é fundamental para uma aprendizagem efetiva, uma vez que, socializa, desenvolve habilidades, valores, melhorando o desempenho escolar nas próximas etapas de ensino, a fim da criança alcançar melhores resultados.

No dia a dia, nos deparamos com situações diversas que nos obrigam a ler, seja por necessidade, prazer, obrigação ou puro divertimento. Lemos o tempo todo: ao assistir TV, ao passar na rua e observar as lojas, nas compras do supermercado, ao pegar o ônibus, lemos propagandas espalhadas pela cidade, enfim, há um emaranhado de coisas que nos conduzem a todo instante a este mundo que é a leitura. Há pessoas que não conseguem acompanhar este núcleo de conhecimento, sendo consideradas analfabetos funcionais, devido serem capacitadas para decodificar letras, sentenças, textos curtos e números, apresentam a incapacidade de compreender textos simples, não desenvolvendo habilidades na interpretação de textos e resolução de operações matemáticas. Tais pessoas influenciam bastante na criação de seus filhos, chegando ao ponto de comprometer a sua escolaridade, devido ao não conhecimento da língua. Se o adulto se depara a todo instante com a leitura de mundo, com a criança, não é diferente. Ela, diariamente, seja na escola, em sua casa, na comunidade em que vive, na cidade, na escola, se defronta com momentos em que a leitura toma um espaço frequente em sua vida e a não dominação desta atividade, faz com que a mesma se sinta excluída principalmente no ambiente escolar. Este motivo pode ser dado devido algumas

hipóteses: pela convivência com pessoas não alfabetizadas, dificultando a aproximação com este meio, alguma deficiência que provoque a não compreensão da leitura e/ou até mesmo, o não entendimento na sala de aula, devido o professor não utilizar estratégias que busquem a curiosidade e estimulem a aprendizagem da criança.

Neste sentido, a literatura infantil vem para suprir o ensino da leitura e escrita, sendo considerada uma das estratégias mais adotadas pelos docentes, a fim de conquistarem as crianças ao encantamento da leitura e escrita, favorecendo ao sucesso do ensino aprendizagem. Segundo Coelho (2000, p.58), a literatura infantil possui uma grande contribuição histórica, pedagógica e social de formar nas crianças o hábito de interagir com as histórias fictícias e reais apresentadas no livro; ela faz com que essa atitude literária criada e executada pela criança ao ler e interpretar o livro sobre vários contextos sociais, implique na busca dela de em assimilar e diferenciar as personalidades dos personagens com as suas, assim as crianças criam um critério moral ao qual colocaram certos personagens como exemplos a serem seguidos, enquanto outros serão abandonados ao longo de sua vida.

Constata-se, a partir da proposta apresentadas por Rego (1988) que, a literatura está presente em todo o lugar. No momento da escrita, a imaginação dos indivíduos flui e acaba construindo um mundo de ideias. O mesmo acontece com as crianças. Através de seus caracteres, rabiscos, desenhos, traços relatam suas mensagens.

Ao citar a literatura infantil como importante peça no processo de alfabetização e letramento, logo nos remete ao ensino contextualizado, lúdico e prazeroso. A literatura infantil envolve a formação da criança leitora considerando os aspectos de criação, imaginação e produção. Com este pensamento de que a leitura e a escrita podem ser trabalhadas com mais aceitação e facilidade partindo da premissa de que inovar é preciso, teceremos algumas propostas e discussões referentes ao ensino de literatura infantil no interior das nossas salas de aula e as estratégias adotadas pelos docentes para introduzir a literatura de forma efetiva, no cotidiano das crianças.

Em nosso estudo buscamos refletir sobre o contexto escolar, sua funcionalidade e algumas práticas pedagógicas de inserção da literatura infantil nas salas de aula e nas escolas como um todo, também apresentamos algumas discussões e propostas para o ensino de literatura infantil, através dos contos de fadas.

## 2 A GESTÃO ESCOLAR E A PARCERIA COM OS EDUCADORES

E como farei ginástica  
 Andarei de bicicleta  
 Montarei em burro brabo  
 Tomarei banho de mar!  
 E quando estiver cansado  
 Deito na beira do rio  
 Mando chamar a mãe-d'água  
 Pra me contar as histórias  
 Que no tempo de eu menino  
 Rosa vinha me contar  
 Vou-me embora pra Pasárgada.  
 (Manuel Bandeira)

Neste capítulo, descreveremos nossas experiências em gestão escolar. No decorrer das observações no Estágio Supervisionado em Gestão, percebemos que a escola estagiada funciona democraticamente com a parceria de todos os funcionários para a realização das atividades com muita dedicação e responsabilidade. Um dos aspectos mais importantes é o relacionamento das diretoras com os demais funcionários. Como tivemos mais contato com a gestora pedagógica, a mesma foi muito atenciosa e educada, respondendo aos questionamentos sempre com bastante precisão. Como a gestora sempre teve experiência de trabalho na sala de aula, e atua nesta função a 05 anos, ingressou na direção da escola por indicação política. Ela consegue lidar bem com os professores, sendo maleável com os acontecimentos que sempre aparecem, sendo compreensível quando necessário.

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Tiradentes, foi criada em assembleia geral da Associação de Esposas e Mães dos Policiais Militares do Cariri, realizada em 07 de novembro de 1992. Diante desta assembleia, o Capitão Francisco de Assis Soares convocou seus subordinados para a construção da mesma, a fim de congregar o público interno da Polícia Militar nesta região do Cariri. Neste período, a educação era dirigida apenas para familiares de militares, já que o terreno que fora construída a escola, ter sido doado pelo então prefeito Antônio de Sousa Nunes a polícia militar. A escola foi construída por policiais em regime de mutirão.

A Instituição funcionou em regime de escola privada durante 07 anos, sob direção do Capitão Soares e de Maurismar Chaves. Seu regime diferenciado de educar repercutiu tanto que logo foram abertas vagas para população em geral. Devido às inúmeras dificuldades

financeiras, a escola foi municipalizada em 2000, permanecendo no mesmo prédio, localizado na Rua Joventino Pereira de Almeida, s/n, no bairro Alto da Bela Vista, Monteiro-PB, sendo locado para a Prefeitura Municipal.

No dia 21 de maio de 2013, a escola recebeu uma moderna sede própria, construída com recursos oriundos do Projeto Pacto pelo Desenvolvimento Social da Paraíba, com parceria da Prefeitura Municipal e o Governo do Estado da Paraíba, sendo transferida para a Rua Wagner Augusto Bezerra Japyassu, s/n. A escola possui, atualmente, aproximadamente 300 alunos, matriculados nos dois turnos de funcionamento, 10 professores, 12 funcionários administrativos, englobando secretários, auxiliares e monitor, e 03 funcionários de manutenção e limpeza (merendeiras e serventes). Nos dias 23, 24, 25 e 26 de Setembro executei a segunda etapa do estágio, nesses dias ocorreram às intervenções e investigações em sala de aula.

A unidade de ensino mesmo sendo municipal e ser jurisdicionada pela Secretaria Municipal de Educação sempre se encontra empenhada em ajudar os alunos, contribuindo com a aprendizagem e o crescimento dos alunos.

## 2.2 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E GESTORES

Abaixo podemos analisar na Tabela I o quadro de docentes lotados na instituição observada, com formação e função na qual todos os professores são habilitados para desenvolverem suas funções de acordo com as necessidades de cada série. Os mesmos desenvolvem suas atividades previamente elaboradas e revisadas pela equipe pedagógica da escola, buscando a dinamicidade e o comprometimento com a aprendizagem, evitando a falta de estímulo e a evasão escolar. Outra característica do corpo docente da escola é o interesse e disponibilidade por cursos de Formação em diversas áreas do saber, a exemplo dos Seminários Anuais em Educação Especial e Educação Infantil, nosso município tem sido pioneiro nessas formações e os professores estão sempre presentes nestas atividades.

**TABELA 1: QUADRO DOCENTE DA INSTITUIÇÃO**

<b>Funcionário</b>	<b>Função</b>	<b>Formação</b>
Íris Maria Simões Silva	Diretora Administrativa	Licenciatura Plena em Biologia
Elionaide Azevedo	Diretora Pedagógica	Licenciatura Plena em Pedagogia
Sônia Barbosa	Coordenadora	Licenciatura Plena em Pedagogia

Jacira Rodrigues de Oliveira	Supervisão Pedagógica	Pedagogia c/ Especialização em Psicopedagogia
Claúdia Raquel B. Feliciano	Supervisão Pedagógica	Pedagogia e Especialização em Supervisão e Orientação Educacional
Maria Gilvania B. de Freitas	Professora/Fund. I	Magistério/cursando Pedagogia
Gracileide Caldeira da Silva	Professora/Fund. I	Magistério/cursando Pedagogia
Maria Ilma R. Leite	Professora/ Fund. I	Pedagogia c/ Especialização em Psicopedagogia
Ivanuza Cristina B. Ferreira	Professora/ Fund. I	Pedagogia c/ Especialização em Psicopedagogia
Rossana Torres Romão	Professora/ Fund. I	Pedagogia c/ Especialização em Psicopedagogia
Maria Lindaci de Oliveira	Professora/ Fund. I	Pedagogia
Fabiana Soares da Silva	Professora/ Fund. I	Pedagogia
Aldenice Alves Bezerra	Professora/ Fund. I	Pedagogia
Fabiana Lúcia Mendes	Professora/ Fund. I	Pedagogia
Sônia de Sousa	Professora/ Fund. I	Pedagogia
Ênia Andréia de Vasconcelos	Professora/ Fund. I	Licenciatura Plena em Biologia
Letícia Cordeiro da Silva	Professora/ Fund. I	Pedagogia c/ Especialização em Psicopedagogia
Jacira Rodrigues de Oliveira	Professora/ Fund. I	Pedagogia c/ Especialização em Psicopedagogia
Mirim Glauce S. Barbosa	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Letras
Benicia de Paula P. de Sousa	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Letras
Patrícia Ferreira Rocha	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Matemática
Pedro Alves da C. Neto	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Matemática
Margarida Mendes de Sousa	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Matemática
Ronnie Wesley S. Moura	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Biologia
Pedro Alexandre Bezerra	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Biologia
Patrícia Raquel Brito	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Biologia
Ismênia Tereza dos S. Leal	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Letras
Bruna Talita Pereira	Professora/ Fund. II	Educação Física
Tadeu Lúcio Tomé Fernandes	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em História
Diogo Cleber de Freitas	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em História
Rossana de Fátima V. da Costa	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Geografia

Thayse Soares da Silva	Professora/ Fund. II	Licenciatura Plena em Geografia
------------------------	----------------------	---------------------------------

Fonte: Secretaria da Escola

### 2.3 TIPO DE CLIENTELA E SEUS DESAFIOS

Em relação à caracterização socioeconômica, a clientela da referida escola é formada por famílias de classe social baixa e média com pouca escolaridade e/ou analfabetos, sendo agricultores, empregadas domésticas, desempregados, funcionários públicos municipais, funcionários particulares, autônomos ou famílias assistidas financeiramente pelos programas sociais do Governo Federal como o Bolsa Família. Segundo a gestora, devido à maioria dos pais possuírem pouca escolaridade ou não se interessarem pelas atividades de seus filhos, os alunos são pouco assistidos em casa, causando um grave problema para a escola e interferindo na aprendizagem das crianças. A indisciplina e a falta de acompanhamento dos pais, para impor limites e regras de convivência, na escola e no seio familiar, reflete cruelmente na sala de aula e conseqüentemente na aprendizagem dos alunos.

### 2.4 ALGUNS DESAFIOS DA GESTÃO

Em conversa com a gestora pedagógica, a mesma citou que são muitos os desafios enfrentados pelos professores da instituição. As salas superlotadas impossibilitam a inclusão eficaz dos alunos com necessidades especiais, já que se torna difícil do professor dar um total apoio a estes alunos que tanto carecem de cuidado e atenção. A gestora sugere que para amenizar esse problema tão grave, poderia haver uma redução de alunos nas salas que houvessem algum aluno deficiente, já que a inclusão destes alunos à sala regular é obrigatória, como também o oferecimento de cursos e oficinas aos professores para que trabalhassem o desenvolvimento das atividades destinadas a cada tipo de deficiência.

Outro desafio apontado, este já muito recorrente tanto nas escolas de Monteiro e da Paraíba quanto nas escolas do país inteiro é a falta de espaços específicos para a biblioteca e os laboratórios de ciências e de matemática. Se uma das metas da LDB é a de formar nossas crianças, torná-las leitoras, é preciso que se inicie por meio de oferecimento de espaços adequados e que estimulem a criança no contato com as especificidades do espaço. Esse tem sido um grande desafio para nossa gestão, apesar dos avanços sentimos a necessidade de mais investimentos na qualidade do nosso ensino.



## 2.5 PERCEPÇÕES DO ESTÁGIO

Com esse Estágio Supervisionado I em Gestão, podemos perceber que a supervisora tem como papel principal acompanhar e auxiliar os professores através de um olhar mais aprofundado e identificar possíveis necessidades a serem sanadas para assim, a aprendizagem e o ensino sejam sempre eficazes, já que muitos pensam que as escolas, por serem públicas, não oferecem ensino de qualidade. Pelo contrário, a escola oferece ensino de qualidade com professores realmente comprometidos com uma melhor aprendizagem. A relação entre direção e supervisão é fundamental, pois uma auxilia a outra, mesmo que possuam funções diferentes, pois não existe uma boa supervisão, e sim, uma direção dedicada para facilitar o trabalho da supervisão.

Levando em consideração que uma boa relação é fundamental entre todos os envolvidos e presentes nos estabelecimentos, os professores lotados na instituição observada possuem uma excelente relação com os alunos, mesmo diante de muitos problemas que sempre aparecem em toda escola, estas relações são estruturadas e objetivas, pois o professor é apenas um elo entre a verdade científica e o aluno a comunicação.

Como a escola se localiza em um município de médio porte, os problemas políticos partidários e sociais sempre são presentes na sociedade, o que afeta muitas vezes dentro dos ambientes de trabalho, trazendo um desafio para os gestores e corpo docente como um todo, saber gerenciar esses conflitos, sem afetar as relações de trabalho tem sido tarefa difícil para os gestores escolares. Mesmo diante desta realidade, professores e gestoras contornam tais problemas, tentando a todo instante serem profissionais, já que o bom relacionamento e a união é primordial para o sucesso profissional.

### 3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL

#### 3.1 PRÁTICA EDUCATIVA E O ENSINO FUNDAMENTAL I

A Educação Básica, Ensino Fundamental I da Escola investigada está organizada em séries anuais e funciona no turno matutino das 07h00min às 11h00min valoriza uma educação libertadora, direcionada pelos princípios da interdisciplinaridade e da contextualização nas diversas áreas do conhecimento, entendida como produto de uma construção coletiva na formação.

Levando-se em consideração que, no Ensino Fundamental I, o ensino-aprendizagem deve se ser executado de maneira diferenciada, respeitando as fases de desenvolvimento que as crianças se encontram, assim, há necessidade de versar uma prática educativa que apresente recursos atrativos às crianças, uma vez que estes elementos são inerentes ao “mundo” da criança tratar da atuação do pedagogo nas salas de aula requer antes enfatizar a importância dos conhecimentos sobre as teorias da psicologia, como também sobre ludicidade e didática na educação.

O estágio para os professores-alunos que já exercem o magistério tem seu sentido e significado a partir da natureza do trabalho docente, que requer constante revisão das práticas, no sentido de tornar o professor um sujeito que constrói conhecimentos, com capacidade de fazer análise de sua prática fundamentada em um referencial teórico que lhe permita, como resultado, a incessante busca de educação de qualidade e as escolas serão sempre o ponto de partida e de chegada aos estágios e nas ações de formação contínua de professores (PIMENTA, 2010, p. 139).

Assim, quando professores em formação continuada são convidados a trabalhar os conteúdos e as atividades do estágio no campo de seu conhecimento específico, percebem que os problemas e possibilidades de seu cotidiano serão debatidos, estudados e analisados à luz de uma fundamentação teórica e, assim, fica aberta a possibilidade de se sentirem co-autores desse trabalho, em um movimento de transitar por entre o saber e o saber fazer, de idas e vindas, por entre a teoria estudada nas diferentes disciplinas do curso e a prática profissional.

Consideramos que esse movimento pode ser dinâmico, à medida que o professor estará reformulando conceitos e entendimentos, fazendo o estudo da sua própria prática, como um dos meios constitutivos da construção de novos saberes profissionais, uma vez que a educação é um processo de construção. O Estágio Supervisionado tem por objetivo principal propor uma relação entre a teoria e a prática, pois o conhecimento acadêmico encontra uma aplicabilidade nas atividades da sala de aula, dessa forma a *praxis* realmente ganha sentido ao

atingir seu objetivo maior, ou seja, o conhecimento teórico dando sustentação para a prática, e, por conseguinte promovendo um melhor ensino e aprendizado para todos os envolvidos nesse processo. Para Saviani:

[...] o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (1997, p. 17).

O âmbito escolar é o lugar da cultura elaborada, lugar das práticas intencionais propostas pelos professores. Espaço e tempo que garanta a formação, a ampliação dos conteúdos e as possibilidades de ser e estar no mundo.

### 3.2 ESTÁGIO E SUA EXECUÇÃO

Em 19 de Setembro de 2014, fiz uma visita à escola para me apresentar à direção e coordenação, para a entrega do ofício para pedido de estágio. Assim, a atividade de estágio foi executada em 08 dias, a partir do dia 22 a 28 de Setembro de 2014. No primeiro dia, executei a primeira etapa do estágio, sobre as características organizacionais e administrativas da escola. Segundo o Projeto Político Pedagógico, é uma escola identificada com o processo de construção de uma sociedade mais justa. Como um espaço em que a prática pedagógica é entendida como uma prática de vida, de todos e com todos, na perspectiva de formar cidadãos e cidadãs que integrem e contribuam para sua comunidade. Uma escola democrática, competente e comprometida com a aprendizagem significativa do aluno, buscando transformar informações em saberes necessários à vida dos alunos.

### 3.3 RELATOS DE OBSERVAÇÃO

A turma avaliada foi o 4º ano da referida escola. Esta turma possui um total de 30 alunos, sendo 1 especial. No primeiro dia, a professora ministrou aulas de Ciências e Arte, os conteúdos foram As Frutas e Alimentação. No segundo dia, a aula ministrada também foi de Ciências, com o conteúdo Higiene e Saúde. No terceiro dia, a professora ministrou aula de Língua Portuguesa, trabalhando interpretação de texto.

Vale ressaltar que como a escola disponibiliza horário intermediário, grande parte do horário das aulas é comprometido, tendo em vista que o a entrada dos alunos é às 07h00min da manhã, o recreio é às 9h00min e a saída às 10h00min. Assim, muito tempo é gasto para a organização da turma e início efetivo da aula. A professora é licenciada em História e também tem magistério.

Foi possível perceber, com nossa observação, que a relação professor-aluno é estável, embora a professora admita ter mais aptidão em lidar com alunos de faixa etária maior. Não se pode deixar de mencionar que o ambiente compromete a qualidade das aulas, uma vez que o espaço muito apertado não permite que a professora acompanhe de perto as atividades dos alunos, além da dificuldade de concentração e constante dispersão por parte das crianças. Nesse sentido, é possível relacionar as dificuldades de aprendizagem dos alunos às condições desfavoráveis do ambiente, dessa maneira, a situação percebida na sala de aula investigada, leva a refletir sobre teoria Piagetiana.

Segundo Piaget (1982), a adaptação só é bem sucedida quando o organismo atinge o equilíbrio entre, por um lado a assimilação dos elementos da realidade exterior e, por outro, a acomodação a essa realidade dos esquemas internos de assimilação. Assim é possível afirmar que as condições a que os alunos estão expostos compromete consideravelmente a aprendizagem, o que foi percebido, sobretudo, nas atividades matemáticas.

Dentre os conteúdos, notou-se que a grande maioria da turma apresenta dificuldades com Sistema Numérico Decimal, esse fato pode ser atribuído a ausência de recursos diferenciados por parte da professora, uma vez que foi possível notar que o único recurso adotado nas aulas foi quadro e giz. Assim, apesar de os alunos possuírem o livro didático de matemática, assim como das demais disciplinas, percebeu-se que os mesmos não são utilizados. Dessa maneira, grande parte do tempo das aulas acaba sendo destinado à cópia de conteúdos do quadro. Vale ressaltar que todos os alunos retiram o conteúdo do quadro, embora não saibam interpretar o que copiam. Notou-se também a dificuldade dos alunos nesse sentido, uma vez que grande parte deles necessita de auxílio direto da professora, tanto para compreensão do conteúdo quanto para o desenvolvimento das atividades. Notou-se, portanto, que a metodologia aplicada não tem contribuído para o desenvolvimento da autonomia e criticidade dos alunos, uma vez que o ensino tem se mostrado uma mera reprodução do conhecimento já sistematizado e transmitido pela professora, em vista que o assunto não é contextualizado e não se leva em consideração os conhecimentos prévios dos alunos.

Durante a observação, percebemos ainda que a turma não apresenta um bom desempenho. No entanto, há três alunos que apresentam dificuldades no que diz respeito à leitura. Diante disso, surgiu a necessidade de passar aos alunos com dificuldades, atividades diferenciadas como, por exemplo, atividade feita nos cadernos dos alunos. Nesse sentido ressalta Zabala:

Sobre a concepção de aprendizagem, o autor afirma que não é possível ensinarmos sem nos determos nas referências de como os alunos aprendem, chamando a atenção para as particularidades dos processos de aprendizagem de cada aluno (diversidade) (ZABALA, 1998, p.2).

Em suma, sobre a citação, podemos dizer que o professor tem que levar em consideração a particularidade de cada aluno, no que diz respeito a questão dos processos de aprendizagem, diagnosticando a dificuldade do aluno e posteriormente ministrar o ensino de acordo com sua capacidade de aprendizagem.

### 3.4 INTERVENÇÃO

No dia 24 de setembro de 2014, iniciamos nossa intervenção na turma do 4º ano, com o conteúdo de Matemática e as quatro operações. Percebemos que os alunos gostaram da aula, apenas 05 deles apresentaram dificuldades na multiplicação, a aula foi bastante participativa envolvendo toda turma. Trabalhamos a adição a partir da leitura de uma lista de compras, onde os alunos pesquisaram sobre os itens usados em suas casas, o valor de cada um e conseqüentemente o valor total dos itens, registraram as observações e a variação de preços entre cada lista para em seguida trabalharmos a operação da subtração. Feitas todas as anotações, a turma pode discutir entre si como se dava a variação de preços, o que poderiam considerar como de alto ou baixo valor. Como atividade avaliativa da aula, propomos um exercício escrito, para o qual selecionei três alunos para que dessem um suporte em multiplicação para aqueles que ainda possuem dificuldades, assim pude notar um empenho bem maior entre ambas as partes, o que facilitou muito no aprendizado.

No dia seguinte a disciplina foi de Geografia, na qual trabalhamos com eles o espaço geográfico – explorando os nossos pontos mais próximos a exemplo da nossa rua, nossa escola, nossa cidade – e, em seguida, utilizamos o mapa da Paraíba, com a finalidade de que encontrasse a nossa cidade e conhecesse as cidades que compõem todo o nosso Estado. Aproveitamos a oportunidade para reforçar que João Pessoa é a nossa capital. Nessa aula

houve dificuldades porque percebi que eles não possuíam conhecimentos relacionados aos Estados que fazem parte do território brasileiro; ao chegar ao término da aula, foi notório que uma faixa que compunha de 08 a 10 alunos mais ou menos não conseguiram distinguir o nome das nossas cidades vizinhas. Para facilitar o trabalho com essa disciplina e seus conteúdos, em especial o espaço geográfico, tema da nossa aula, propomos o uso de materiais concretos, como maquetes, mapas, aulas de campo, vídeos, visita a museus e outros recursos que possam nos auxiliar na compreensão dos conteúdos.

Finalizamos a intervenção com a disciplina de Língua Portuguesa, cujo conteúdo foi leitura e interpretação de textos. Sendo trabalhado da seguinte forma, propomos uma leitura compartilhada entre os alunos em seguida solicitamos que apenas um aluno fizesse a leitura em voz alta. Na sequência comentamos sobre os personagens e o enredo da história, assim, observei que todos dominavam a leitura apesar de ainda não dominarem totalmente, os sinais de pontuação, já na parte de interpretação apenas 10 alunos são bastante desenvolvidos, enquanto a maior parte da turma possui dificuldades explícitas. Contudo, podemos concluir que a intervenção foi de grande contribuição para o nosso currículo, porque com ela surgiram novas idéias metodológicas que poderiam ser aplicadas na referida turma. Para outros momentos de leitura, pensando em superar as dificuldades de leitura apresentadas pela turma, sugerimos a oferta de mais obras literárias, que atendam as especificidades de cada faixa etária, propomos também momentos diários de atividades voltadas à leitura e atividades orais que possibilitem a compreensão, interpretação oportunize a participação individual e coletiva da turma. Dessa forma, geramos espaços de socialização e conseqüentemente de múltiplas aprendizagens.

O Estágio Supervisionado é uma parte do currículo muito importante na formação do futuro professor porque é a oportunidade de experimentar e realizar, na prática, o conhecimento teórico adquirido no decorrer da sua formação acadêmica. No entanto, a apreensão e a ansiedade no início são normais, devido a pouca experiência, e a responsabilidade de realizar um bom trabalho. É fato que a integração com a direção, com as professoras regentes e, principalmente, com os alunos possibilitou o bom andamento desse estágio. O estágio como experiência foi uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos e a capacidade criativa na resolução dos impasses encontrados durante esse período e principalmente de contrapor a teoria e as praticas vistas no curso.

## 4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo (FREIRE, 2002, p. 32).

### 4.1 OBSERVAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo busca refletir sobre o Estágio Supervisionado de regência nas turmas dos Anos Iniciais da Educação Infantil, na procura de elucidar seus problemas e desafios. A realização do estágio ocorreu na turma do Pré II, com um total de vinte e quatro alunos, matriculados na Escola Municipal Professor José de Araújo Valença.

No primeiro momento, realizamos o período de observação, com um total de cinco visitas. No primeiro dia de observação, a professora iniciou a aula com a apresentação dos numerais de 0 a 10, cantou com a turma uma música referente aos numerais e em seguida convidou-os para grafar os numerais no quadro. Logo após, realizaram uma atividade escrita. No segundo dia de observação, a professora revisou os numerais e realizou atividade em sala de aula no caderno, abordando os numerais e as quantidades. No terceiro dia de observação, foram trabalhados os numerais com as quantidades representadas e ilustradas, após o intervalo a professora retomou a explicação, com construção de conjuntos representando as quantidades com os alunos na lousa. Por fim, os alunos foram para a sala de vídeo. No quarto dia de observação, o conteúdo apresentado foi os encontros vocálicos a partir da utilização de cenas e desenhos. Após o intervalo a professora, revisou os encontros e os numerais e realizou uma atividade oral com a turma. No quinto dia de observação, foi iniciada a aula com a contação de história infantil, feita pela professora. Logo após, a professora entregou massa de modelar para as crianças trabalharem a narrativa da história. A atividade de casa era baseada em uma ficha de leitura, apresentada pela professora. Para finalizar o dia, as crianças foram para o pátio da escola, onde participaram do momento da recreação. Também observamos, no contexto escolar, alguns fatores que interferem diretamente no ensino e na aprendizagem dos alunos, a falta de recursos pedagógicos para uso diário, em aulas diversificadas e dinâmicas,

falta de atividades contextualizadas e interdisciplinares, falta de um espaço específico para leitura de literatura, como biblioteca, cantinho da leitura, espaços mais amplos para atividades diversas, inclusive as salas de aula.

#### 4.2 INTERVENÇÃO

Visando um maior encantamento das crianças pela leitura e escrita, foi idealizado o trabalho com a temática *Ler, contar e criar: estratégias para trabalhar leitura e escrita a partir da literatura infantil*, visando descobrir quais as contribuições da literatura infantil nas séries iniciais e quais os métodos mais aceitáveis por parte dos alunos no que se refere ao incentivo à leitura e a escrita.

Segundo Abramovich (1993), escutar histórias é o início da aprendizagem, é o primeiro contato com um texto escrito que é feito oralmente. A autora afirma que contar histórias é uma arte e o equilíbrio do que é ouvido com o que é sentido. É o uso simples e harmônico da voz do narrador. O narrador tem que conhecer a história que vai ler e transmitir confiança aos ouvintes, motivar a atenção e despertar admiração ao mesmo tempo, envolver-se com a história e os ouvintes. O objetivo da narração é o de ensinar a criança a escutar, a pensar, a enxergar o mundo com os olhos da imaginação. Nós, professores, somos conscientes de que nossa formação acadêmica não nos oferece subsídios essenciais para sermos leitores ativos e frequentes. Se não exercemos a verdadeira função de leitor assíduo, como podemos cobrar dos nossos alunos? Para Machado (2002, p.45), “não se contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aula brasileira estão repletas de pessoas que apesar de não ler, tentam ensinar”.

O trabalho foi iniciado através de uma conversa informal, com questionamentos baseados em saber se as crianças sabiam ler, se gostavam de ler contos infantis, qual gênero textual se identificavam mais?

Os alunos afirmaram que gostam de leitura, mas muitos alegaram não ter quem os auxiliem e sentem preguiça de tentarem sozinhos. As demais crianças demonstraram interesse pela leitura e de acordo com a professora, estas sempre cobram nas aulas, momentos livres para leitura. Segundo a professora, as crianças sempre preferem ver gibis, livros de literatura infantil, identificando-se mais com estes gêneros do que com os textos apresentados nas atividades didáticas. Em seguida, foi apresentada a obra “João e Maria” em slides, utilizando a lousa digital, o que chamou bastante a atenção das crianças. Com uma leitura dinamizada,



pautada em promover a concentração dos alunos no enredo, partindo das ideias expostas por Sandroni e Machado (1998, p.16), que citam que “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente”. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura.

A aceitação da obra foi muito positiva e os alunos demonstraram prazer em desvendar os mistérios do conto “João e Maria”. Após a sequência dos *slides*, foi retomada a conversa informal, com uma roda de leitura, em que a professora aproveita o momento para trabalhar temáticas voltadas não somente para o gosto pela leitura e escrita, como também, a importância de possuímos uma boa alimentação, de termos um bom relacionamento com os familiares, alerta para os cuidados que as crianças devem ter em relação à pessoas estranhas, visando contribuir para a formação social, moral e afetiva da criança.

Abramovich (1993, p. 33) sugere que “[...] cada ouvinte deve encontrar um jeito agradável de ficar ao seu modo, independente de ser sentado ou deitado”. Já que é nas “rodas de histórias” que as crianças mobilizadas pelo teor da narrativa, instigadas pelo encantamento que a mesma lhes proporciona, falam, destacam o que mais gostaram e até mesmo suas vivências são lembradas a partir do contexto expresso pelas histórias. No momento seguinte, foi entregue uma atividade que se baseia no aluno recontar a história, a partir da leitura de imagens principais do conto, a conhecida narrativa de imagens.

Muitos docentes pensam que para se trabalhar a leitura e a escrita, só é possível se sejam apresentados textos escritos, com parágrafos, inúmeras vírgulas e pontos finais. Enganam-se. É preciso ampliar o campo de leitura, observação e interpretação da imagem, para que a criança faça um retrocesso da história ouvida e escreva do seu modo, do seu entendimento, o enredo, tornando-se ela o próprio autor.

Ao trabalhar o reconto de histórias infantis, as crianças desenvolvem o prazer pela leitura além de aprimorarem a escrita, passando a apreciarem mais as histórias, prestando atenção a todos os detalhes para então compreenderem o enredo, identificarem personagens, criarem os próprios inícios, meios e fins. Outro ponto interessante do projeto foi o momento da realização de atividades baseadas em interpretação de texto e texto lacunado, que só somaram em relação a aproximar os alunos do conto trabalhado. No dia seguinte, a obra apresentada para as crianças foi Chapeuzinho Vermelho. Neste dia, nos fantasiávamos com os trajes da personagem principal e iniciamos a leitura em uma roda de leitura.

Para Melo (2005) a presença das expressões artísticas no cotidiano da sala de aula pode ter duas funções específicas: como objetos de aprendizagem e como estratégias de

aprendizagem. No entanto, pode-se depreender desta questão que a vivência e a construção de um conhecimento em arte, oferecendo condições para a construção de um indivíduo autônomo, independente e crítico, a arte, portanto, não deveria ser considerada estratégia, mas essência. Após a leitura dinamizada, foi apresentada a atividade que consistia em os alunos lerem os trechos desordenados e organizar colando-os no caderno. Alguns alunos sentiram dificuldades em desenvolver esta atividade.

A escola desempenha um ambiente motivador em potencial para os futuros leitores. Ressalta-se a importância do professor e do contador de histórias, pois são indivíduos que tem em suas mãos outros indivíduos. São formadores e podem transformar os hábitos e as atitudes dos pequenos, tornando-os leitores, seres que possam ver o mundo numa perspectiva diferente e que sejam conscientes, lendo as linhas nas entrelinhas e o texto no contexto (PERES, 2009, p. 11-12).

No terceiro dia de regência, iniciamos a aula com a colagem de um painel da obra que iríamos trabalhar naquele dia. Logo que colamos, os alunos já perceberam que a obra explorada seria Branca de Neve. Em uma roda de leitura, apresentamos a obra, com a participação dos alunos demonstrando interesse a todo instante. Ao finalizar a leitura, os alunos realizaram atividades xerocopiadas sobre a história. Nesse sentido, Oliveira (1996, p.28) identifica os aspectos prazerosos que a literatura infantil propicia, denominando-a de,

Leitura-prazer, em se tratando de obra literária para crianças, é aquela capaz de provocar riso, emoção e empatia com a história, fazendo o leitor voltar mais vezes ao texto para sentir as mesmas emoções. É aquela leitura que permite ao leitor viajar no mundo do sonho, da fantasia e da imaginação [...]

Segundo Freire (1993), a literatura é uma leitura de mundo, as crianças podem aprender vários conteúdos disciplinares e interdisciplinares com personagens como a *Cigarra e a Formiga* de Esopo, que ensina a arte de poupar *versus* a arte do ócio, a *Galinha dos Ovos de Ouro*, que ensina que tudo tem um tempo determinado, e que se esse tempo for violado, riqueza vira pobreza, *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault que ensina a diferença moral entre obedecer e desobedecer aos mais velhos, dentre outros contos que muito tendem a contribuir para a formação da criança.

Para finalizar as atividades, no quinto dia de regência, a professora iniciou uma conversa dialogada com as crianças, lembrando o que vivenciamos durante a semana de estágio. Neste dia, a história trabalhada foi *Os três porquinhos*. A professora apresentou a obra com a utilização dos fantoches. As crianças se divertiram muito com esta forma de

trabalho. Ao finalizar a leitura, os alunos realizaram uma atividade baseada em um caça palavras e na formação de palavras trabalhadas na história.

Para Maia (2007), é muito importante o papel do professor, pois é preciso que escolham livros com qualidades literárias, e que transformem as leituras realizadas em sala de aula em momentos de incentivo aos comentários e perguntas ao texto lido. O professor precisa entender que além de informar, instruir ou ensinar, o livro dar prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona. Assim ela vai se interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer. A literatura infantil é um amplo campo de estudos que exige do professor conhecimento para saber adequar os livros às crianças, gerando um momento propício de prazer e estimulação para a leitura.

Notamos que todas as integrações de ensino, que serviram como campo de estágio, atendem alunas e alunos de nível socioeconômico diversificado (classe média a classe média-baixa). O presente estágio, cuja temática abrange o trabalho do educador na Educação Infantil dentro de instituições de educação formal que acolhem crianças de 0 a 6 anos, tendo como objetivo debater e refletir sobre os desafios encarados por professores que atuam na Educação Infantil na rede pública de ensino. Neste trabalho ainda serão oferecidas algumas impressões e meditações, que surgiram durante e após a conclusão das docências na educação infantil referentes à disciplina de Prática de Ensino sob forma de Estágio Supervisionado. Por tanto, utilizamos como artifício, a análise bibliográfica e documental surgida no aporte teórico, observando que a intencionalidade deste trabalho é contribuir para com o direcionamento da edificação de um ensino humanizado.

#### 4.3 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Pretendemos, na primeira parte desta sessão, contemplar um breve histórico acerca da Educação Infantil no Brasil, enfatizando a importância do conhecimento sobre a periodização do desenvolvimento infantil, a importância da atividade e do trabalho pedagógico. Na segunda parte, focar a prática docente, partindo do pressuposto que o trabalho na Educação Infantil exige intencionalidade e formação política e pedagógica adequada do professor, pois, abundantes são os limites que permeiam o espaço escolar, os quais se acentuam ainda mais na Educação Infantil.

A oferta e a coordenação de uma Educação Infantil de propriedade tem se fundado em um grande desafio para a Educação Brasileira, principalmente no que se refere à superação do estilo assistencialista que assinala historicamente o atendimento às crianças menores de 6 anos. Para compreender quais são as probabilidades e limites que permeiam a Educação Infantil, é imprescindível avaliar sua trajetória histórica. Nessa linha de pensamento, Machado (2002). Asseguram que os primeiros estabelecimentos educacionais infantis brasileiras ofereciam um cunho assistencialista visando atender as necessidades das mulheres que precisavam ingressar no mercado de trabalho. Assim, Kullmann completa essa postura teórica ao afirmar que

durante as duas décadas iniciais do século XX foram implantadas as primeiras instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil, as quais tinham como finalidade a prestação de assistência médica, dentária e de socorros funerários (1998, p. 97).

Porém, a partir de 1936, aconteceram Congressos voltados à infância e que apresentavam objetivos com desenvolvimento de propostas pautadas à criança tanto do ponto de vista social, pedagógico quanto médico e higiênico, assim como do mesmo modo as relações desta com o Estado, com a sociedade e com a família. Estes congressos que tratavam quais seriam os rumos da educação, influenciaram abertamente na criação de creches no Brasil por questões econômicas, pois as genitoras precisavam de um local adequado para depositarem seus filhos enquanto comercializavam sua força de trabalho. Nesse sentido, os artifícios elaborados ao público infantil contaram com três influências básicas: a médico-higienista, a jurídico-policia e a religiosa.

Na compreensão de Saviani (1997), foi a partir da luta expressiva dos movimentos populares que a Constituição Federal de 1988, ao compreender a educação como “direito de todos e dever do Estado”, em seu Artigo 208 estabeleceu o atendimento de crianças de zero a seis anos de idade, em creches e pré-escolas. Assim, no ano de 2006, a Lei nº 11.274/2006 ampliou o Ensino Fundamental para nove anos, trazendo novos desafios para o processo de universalização do acesso à Educação Infantil, que passou a atender crianças de zero a cinco anos de idade, antecipando a entrada no Ensino Fundamental já a partir dos seis anos de idade. Dessa forma as crianças podem ser inseridas no contexto escolar, já nos primeiros anos de vida e desenvolverem as primeiras competências e habilidades mediadas por profissionais Pedagógicos. A ressalva que fazemos nesse processo é com relação à adequação dos espaços e do currículo. O fato de termos crianças com seis anos no ensino fundamental não pode significar para elas a obrigatoriedade de desenvolver competências que não lhes são

oportunas, com relação aos espaços físicos, continua sendo necessário ambientes específicos, amplos e acolhedores para todos os níveis do ensino, não podemos negligenciar um ensino em detrimento do outro, podemos considerar então, que todos os níveis da Educação Infantil precisam ser pensados a partir de suas especificidades e principalmente atendendo os aspectos sociais e pedagógicos de cada ensino. A escola na qual desenvolvemos nosso estágio, na Educação Infantil, iniciou o processo de adequação a nova lei a partir de 2013, ao recebeu um maior número de alunos que os anos anteriores na Educação Infantil teve que adequar seus espaços físico como também repensar seus projetos e praticas pedagógicas. Para atender essa nova demanda como também o novo contexto de ensino a referida escola pleiteia junto a prefeitura do município e o MEC, Ministério da Educação, uma sede ampliada, que atenda as exigências do MEC e necessidades das crianças, no que se refere ao aprendizado e ao desenvolvimento das competências para cada série, percebemos que as propostas de atividades são mais específicas e tem contribuído significativamente para o desenvolvimento das crianças.

## 5 LITERATURA: os contos de fadas na Educação Infantil

### 5.1 O USO DA LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA: formando leitores

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a prática de leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e continuamente a formação de escritores, isto é, a produção de textos eficazes com origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade (BRASIL, 1997). Assim, a leitura é o meio norteador da escrita oferecendo subsídios de como escrever.

Sabemos que a cada dia que passa, está mais difícil o incentivo da leitura e escrita em sala de aula. Vivemos em uma era que os avanços tecnológicos tendem a nos envolver e nos inserir neste mundo, desde a infância como na fase adulta. Assim, muitas vezes, a escola torna-se um espaço chato, por não apresentar formas interessantes de provocar o aprendizado; são professores cada vez mais parando no tempo e deixando de lado as novas estratégias que favorecem a atenção da criança e proporcionam um melhor aproveitamento escolar.

Dentre as particularidades da literatura infantil, Faria (2004) aponta para o fato de a literatura infantil ser um gênero literário destinado em específico às crianças e conta hoje com diversos recursos, como diferentes suportes de texto, ilustrações cada vez mais ricas, grande variedade de histórias e temas, entre outros fatores, que podem auxiliar o professor na complexa tarefa de formar crianças leitoras. Um dos objetivos do *Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil* nos remete que através do trabalho com a leitura, a criança é capaz de participar das variadas situações de comunicação oral; interessar-se pela leitura de histórias; familiarizar-se com a escrita por meios de livros, revistas, histórias em quadrinhos (BRASIL, 1998, p.119), dentre outros meios fundamentais para sua inserção no mundo da leitura e da escrita.

Segundo Faria (2004), a capacidade de educadores para perceber a riqueza e a estrutura do livro de literatura infantil é uma das alternativas para não reduzir a literatura a uma abordagem meramente pedagógica. Explorar o livro infantil, sua narrativa, suas ilustrações, seu significado é um recurso que deve ser abordado com competência e criatividade. Para isso, o professor também precisa saber ser leitor. Os professores precisam estar preparados para formar sujeitos leitores, e isso significa na leitura diária do livro de literatura, na interpretação coletiva, feita com alunos e professor e no registro, que é a

construção do sentido do texto. O esforço em escrever algo que se ouve, mediado obviamente pelo professor, leva à compreensão do velho e à possibilidade de criação do novo.

Abramovich (1993, p.16) nos lembra que é de suma importância para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. “Escutá-las é o início da aprendizagem para um ser leitor”. Estas histórias, segundo a autora, fazem a criança sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, além de ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. A principal atividade desenvolvida na escola é a formação de alunos leitores. É fundamental saber ler e muito mais compreender o que foi lido. Grande parte das informações que precisamos aprender na vida se dá através da leitura. Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve além da decodificação, contextos culturais, ideológicos, filosóficos (CAGLIARI, 2001).

De acordo com Simões (2000, p. 26),

Nos momentos de leitura, o educador deve sempre procurar ser literal e dar certo caráter interpretativo a sua leitura usando variações de entonação de forma clara e agradável. [...] O educador deve procurar agir como elemento incentivador do interesse das crianças pelo enredo, comportando-se não somente como leitor das histórias, mas também, demonstrando entusiasmo e curiosidade, como mais um ouvinte.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, essa história deve de fato entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas aspirações (BETTELHEIM, 1980, p. 94). Abramovich (1993, p.21) também cita que é preciso saber a arte contar histórias:

[...] é que equilibra o que é ouvido com o que é sentido. O narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração. [...] E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto [...]. Ah, é bom evitar as descrições imensas e cheias de detalhes, deixando o campo mais aberto para o imaginário da criança. [...] Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...” [...] Ah, não precisa ter pressa de acabar.

Vale ressaltar que Abramovich (1993) fala que não só ler literatura para crianças da Educação Infantil, mas também para as crianças já alfabetizadas, do Ensino Fundamental. Ela ainda pergunta: contar histórias só para quem não sabe ler? Sem dúvida a resposta é: não, pois, segundo ela, os adultos também adoram ouvir histórias. Bebês, crianças maiores, jovens e adultos: todos sentem grande prazer em ouvir. Tudo o que se trabalha na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se desenvolver. A leitura é a realização da

escrita, quem escreve, escreve para ser lido. Ler é um processo de descoberta, mas também pode ser uma atividade lúdica e prazerosa. Para Abramovich (1993), as histórias infantis podem trabalhar na formação moral, social e literária, onde estabelecem relações entre o segundo mundo, em que todas as crianças apresentam momentos particulares, e a transposição de real. É através da literatura que a criança desperta os diferentes sentimentos como raiva, alegria, tristeza, ansiedade, modificam o seu jeito de pensar e agir ao ter o contato com a literatura passando a sentir segurança e confiança no que vier realizar, assim sente-se capaz de criar e explorar sua emoção e sua imaginação.

Maia (2007) destaca que é muito importante o papel do professor, pois é preciso que escolham livros com qualidades literárias, e que transformem as leituras realizadas em sala de aula em momentos de incentivo aos comentários e perguntas ao texto lido. O professor precisa entender que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer e deve mostrar isso à criança

## 5.2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL MUNDIAL E BRASILEIRA

A leitura é fundamental em nossas vidas, haja vista que através dela aprendemos, ensinamos e conhecemos outras culturas. A importância da leitura deve ser entendida e utilizada por um prazer, através de uma viagem no mundo da imaginação, tão presente na infância.

De acordo com Cademartori (1986), a palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba, é arte e deleite. Sendo assim, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele.

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI, 1996, p.7).

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança, pelo que deveria, passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta (CUNHA, 1999, p.22).



De acordo com o autor, somente ao final do século XVII e durante o século XVIII, foram produzidos os primeiros livros para as crianças. Este marco se dá tão tardiamente, pelo fato de não existir infância. As crianças não eram assim consideradas; os adultos em miniatura sempre foram denominadas.

Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções (ZILBERMAN, *apud* CUNHA, 1999, p.13).

Segundo Carvalho (1982, p.77), a literatura infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássico dos contos de fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias, por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da Literatura, e elegê-lo o criador da Literatura da Criança. A autora retratava a sociedade da sua época em suas histórias, animado pela influencia do folclore, considerado o fundamento principal da Literatura Infantil daquele tempo. Foi também, o responsável em estabelecer embasamento para um novo modelo literário, o conto de fadas, além de ter sido o primeiro a dar aperfeiçoamento a esse tipo de Literatura. Entre suas diversas obras, merecem destaques: Chapeuzinho Vermelho, a Bela Adormecida, o Gato de Botas, Cinderela, Barba Azul e o Pequeno Polegar.

Já no Brasil, segundo Cunha (1999, p.20), “a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. A publicação desses livros traduzidos, adaptados e/ou escritos por brasileiros e que caracterizam “o movimento” de constituição da literatura infantil como gênero literário no Brasil e decorreu, principalmente da criação da escola republicana, da disseminação de certas concepções de infância e da necessidade de formação desse público com base em princípios advindos com os ideais republicanos e do “lugar” que passou a ocupar a família burguesa no âmbito da sociedade ocidental.

Cunha (1999, p. 20) destaca que com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação. Lobato foi um dos que se empenharam nessa luta pela descoberta e conquista da brasilidade ou do nacional. A princípio na área da Literatura, seja para adultos ou para crianças; mais tarde, no campo econômico e político (COELHO, 2000, p. 186).A literatura infantil brasileira foi inaugurada em 1921 quando Monteiro Lobato publica a obra intitulada *A menina do*

*narizinho arrebitado*. Lobato estava insatisfeito com as traduções de livros europeus para crianças, e por isso criou aventuras com personagens bem brasileiras, recuperando costumes da roça, onde passou sua infância, e lendas do folclore nacional (MACHADO, 2002). Lajolo (2000, p. 60) destaca a preocupação de Lobato em publicar livros com uma linguagem especialmente destinada a crianças:

O surgimento de livros para crianças pressupõe uma organização social moderna, por onde circule uma imagem especial de infância: uma imagem da infância que veja nas crianças um público que, arregimentado pela escola, precisa ser iniciado em valores sociais e afetivos que a literatura torna sedutores. Em resumo, um público específico, que precisa de uma literatura diferente da destinada aos adultos.

Neste sentido, Cademartori (1986) conclui que Monteiro Lobato, cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, pois sua obra constitui-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa sempre espaço para a interlocução com o destinatário. Neste capítulo, relataremos experiências vivenciadas sobre a leitura de contos de fadas nas salas de aula de da Educação Infantil e seu uso pedagógico; discutiremos, também, as particularidades desses contos infantis no âmbito escolar.

Ao nos propormos reflexão sobre os contos de fadas na educação infantil, partimos do pressuposto de que todo cotidiano escolar está intrinsecamente ligado à literatura – literatura diversa que perpassa pelo mundo da infância. Abordar esse tema significa buscar uma aproximação direta com as construções, fantasias e hipóteses do mundo infantil e isso se dá de forma muito concreta, pois observamos, *in loco*, como a ilustração e a narração de contos transforma e age nessas esferas para a realidade dos pequenos em sala de aula.

*A priori*, nossa proposta de análise e pesquisa norteia-se pelos RCN's (*Referenciais Curriculares Nacionais*) da Educação Infantil, que apontam método se formas “adequadas” ao trabalho com a literatura infantil. Porém, no cotidiano escolar, temos observado práticas pedagógicas que ficam aquém das propostas dos RCN's, bem como das concepções de alguns teóricos que contribuem para nossa formação acadêmica. A falta de entrosamento dos alunos com esse tipo de literatura e conseqüentemente a falta de estímulo pela leitura, muitas vezes, tem se dado de formas equivocadas, pouco atrativas e não lúdicas como são trabalhadas as obras de literatura infantil.

Outro aspecto relevante que precisamos ressaltar no âmbito do ensino da literatura infantil diz respeito aos espaços físicos destinados aos momentos de leitura. Como foi

percebido no estágio de observação, disciplina deste curso de formação, os espaços físicos oferecidos são limitados. De acordo com Oliveira (2012, p.71) “as instituições de Educação Infantil são hoje lugares com funções sociopolítica e pedagógica, onde são produzidas novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a democracia e a cidadania”, portando as instituições educacionais precisam adequar suas propostas de ensino bem como os espaços físicos necessitam ser melhorados, para promover efetivamente um ensino de qualidade. Nesse sentido, o desafio para a Educação Infantil na esfera institucional, seja ela pública ou privada, seria ter como principal objetivo “as crianças [...] com direito a vivenciar boas rotinas, uma jornada diária interessante, acolhedora e desafiadora, bem como atividades que instiguem o desenvolvimento de seu autoconhecimento e auto-estima” (OLIVEIRA, 2012, p. 71). Para isso os espaços físicos do ambiente escolar deveriam está como objeto de suma importância e necessidade para essas construções pedagógicas. Segundo Salles e Faria :

A noção de espaço institucional envolve o prédio construído e usado pela instituição, considerando suas áreas interna e externa e levando em conta a organização de um ambiente saudável seguro [...] Além, neste item da Proposta Pedagógica devem-se abordar a organização e utilização dos materiais e equipamentos disponíveis para a realização do trabalho pedagógico, bem como a decoração do espaço e participação das crianças (2004, p.34-35).

Como ressaltamos anteriormente neste capítulo, o item físico destinado a contação de histórias e exploração da literatura infantil na escola precisa ser aprimorado e adequado para atender além das necessidades das ciências como sugere os RCN's, que indicam ações na dimensão da multidisciplinaridade de experiências e linguagens. No que diz respeito aos critérios formulados pelos RCN's, as autoras Brandão e Rosa (2011) enfatizam que a prática de contação de histórias e leituras necessitam de uma maior discussão especialmente no campo da prática.

Em nosso estudo, dado através do Estágio Supervisionado e por meio de leituras referentes ao conteúdo, bem como na execução do Projeto Pedagógico, tivemos algumas evidências de como tem se configurado as ações voltadas ao ensino e a prática da literatura na educação infantil, através da contação de contos infantis da tradição literária. Podemos observar o entrosamento dos alunos quando entram em contato com materiais concretos, imagens ilustrativas, recursos sonoros, entre outros. Esses recursos possibilitam maior compreensão e elaboração de hipóteses, uma vez que a criança, na primeira infância, demonstra interatividade e interesse para com as histórias lidas através da curiosidade pelo tema, pela sonoridade e entonação com qual se conta a história, sendo capaz de “perceber o

encadeamento temporal e causal de eventos presentes na narrativa” (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 35). Ainda de acordo com os estudiosos em questão,

Todas essas aprendizagens são de natureza sociocultural, portanto, não ocorrem espontaneamente como decorrência do desenvolvimento biológico, mas resultam da participação de crianças em práticas socialmente circunscritas, em que ouvem histórias, lidas ou contadas, com a mediação de adultos. Assim, embora pareça óbvio que ser capaz de ouvir histórias em grupo seja uma conduta natural, não precisando ser ensinada, evidências de pesquisa mostram justamente o contrário, ou seja, que as crianças precisam aprender sobre o que é fazer parte de uma roda de histórias para sejam participantes ativas dessa atividade. (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 35).

Esse contado coletivo com as narrativas e com outras formas de expressão oportuniza a ampliação do vocabulário, a interação, a interação com os contos, despertando a criatividade e a imaginação desses pequenos grandes leitores.

### 5.3 APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADAS

O ensino da literatura infantil para as crianças na primeira infância ou ensino infantil pode possibilitá-las a vivenciar emoções, exercitando suas fantasias e imaginação, despertando assim o prazer pela leitura e, conseqüentemente, o desenvolvimento crítico e a criatividade, pois é consenso na sociedade atual que a leitura, assim, como a escrita são bens culturais que devem está disponíveis para todos. Refletindo sobre esse consenso propomos e analisamos o ensino da Literatura Infantil partindo de alguns questionamentos iniciais:

- a) que tipo de textos são oferecidos e indicados como leituras para as crianças da educação infantil?;
- b) que aspectos sociais e culturais são abordados ao se trabalhar as obras?
- c) que expectativas se criam com relação às construções e interações das crianças?
- d) como avaliar o processo de ensino aprendizado dentro do trabalho desenvolvido com a literatura infantil?
- e) que tipos de espaço estão sendo oferecido para o trabalho com a literatura infantil em nossas escolas?

### 5.4 ALGUMAS PROPOSTAS E REFLEXÕES NO ENSINO DE LITERATURA INFANTIL

Aparecida Paiva nos alerta para o fenômeno de “escolarização da arte”, ou seja, um fenômeno que tem se configurado no interior de nossas salas de aulas e tem se dado em uma dimensão metodológica concreta. Assim, os desafios dos professores da educação infantil estão diretamente ligados a superação desses limites de “escolarização”, que, para a autora, se dá pela proposta leitura pré-estabelecida para os leitores.

É justamente, para fugir dessa “escolarização” que a proposta apresentada em nosso Projeto de Intervenção, intitulado *Contando e encantando com os contos da Literatura Infantil*, além de explorar os contos mais tradicionais da nossa literatura propõe ainda a leitura livre, na qual o aluno poderá escolher a obra, construir seu título e desenvolver sua leitura imaginária. Isso pode ocorrer tanto através do conto como do reconto de diversas obras, mesmo aquelas, que eventualmente, não estejam planejadas e propostas no projeto, porque, também levamos em consideração as necessidades surgidas no decorrer do desenvolvimento do Projeto supracitado.

Considerando os conhecimentos e interesses trazidos pelas crianças, as obras já conhecidas por eles fora do ambiente escolar. Como aponta Paiva, (2008) um dos limites da prática e formação de leitores seria ultrapassar os muros das instituições “escolas”. Já para abordar questões sociais e culturais, partimos de aspectos outrora explícitos em algumas obras. A interação das crianças com os contos de fadas pode se caracterizar de diversas formas e nos mais variados contextos, atendendo não somente aspectos da leitura, compreensão e interpretação propostos pelo professor e pela escola, mas vai além, uma vez que essas interações se dão a partir das relações feitas entre seus conhecimentos de mundo, aspectos sociais, culturais e as novas leituras, ou seja, as crianças processam e transformam as leituras conforme suas hipóteses e fantasias, assim podem transformar e sistematizar seus conhecimentos.

Segundo Piaget (1982), a criança constrói o conhecimento na sua interação com o objeto e ao nascer, cada criança apresenta processos internos que lhe possibilitam a aprendizagem seu conhecimento só se concretiza a partir de sua ação sobre o objeto. Considerar o conhecimento prévio do leitor, suas interações, sua cultura entre outros aspectos possibilita a construção de novos conhecimentos, bem como o processo de ensino dentro e fora do âmbito escolar. Nesse contexto oferecer as crianças espaços e meios de interação com a literatura impulsiona sua ação de construir suas próprias hipóteses e conhecimentos. Nessa perspectiva o ponto de partida para o aprendizado, formação de leitores proficientes, no caso, é a ação da criança, que se dá a partir de suas interações com o meio e com o objeto de estudo, a literatura.

As autoras Brandão e Rosa defendem que “importância da conversa que pode estabelecer a partir das histórias lidas, fomentando nas crianças uma atitude de busca e construção de sentido na sua interação com os textos escritos” (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 34). A participação do professor como intermediário nesse processo de aquisição da leitura e compreensão textual pode contribuir significativamente para a concretização do ato de ler e da formação de bons leitores, esse momento de conversa pode ter um contexto de entretenimento e brincadeira agradável, em que as crianças possam participar efetivamente de uma atividade oral que explore sutilmente sua compreensão e sistematização de saberes.

O processo de avaliação da leitura na educação infantil, assim como outros aspectos do ensino, apresenta múltiplos desafios para o professor e para a escola, uma vez que todo processo de literatura infantil e educação infantil no Brasil é bem recente. Para superar parte desses desafios Hoffman (2012) defende uma avaliação mediadora baseada nas teorias construtivistas e sociointeracionistas que oportunizem as crianças o desenvolvimento intelectual e moral. De acordo com Hoffmann:

É urgente [...] ressignificar a avaliação na Educação Infantil, resgatando os seus pressupostos básicos e desatrelando dos modelos classificatórios ainda vigentes nos demais níveis escolares. (HOFFMANN, 2012, p. 43).

Na tentativa de sanar a problemática do método de avaliação tradicional, referente ao processo de leitura, propomos uma atividade onde o professor possa visibilizar de forma mais ampla quais conhecimentos as crianças detém antes da apresentação de um conto e quais inferências são feitas após uma roda de leitura, essa atividade dirigida pode se dar através de questionário oral ou de uma roda de conversa, como propomos para toda pré leitura de contos. Segundo Silva:

Tanto o pedagogo quanto o licenciado em Letras devem ser capazes de reconhecer um livro infantil de qualidade, mas, no caso do pedagogo, a diferença deve estar na preocupação com a existência concreta de um leitor infantil que irá receber esse livro (SILVA, 2009,p.13)

Sendo assim, a partir de boas sugestões de leitura, livros apropriados e específicos para cada faixa etária da infância, são muitas as contribuições do professor para que o aluno possa não somente se apropriar da obra literária, mas construir seus próprios saberes como também tornar-se um leitor crítico e proficiente. O desafio atual é propor leituras atrativas, desafiadoras que possibilitem todo processo de ensino bem como o processo de avaliação no âmbito da literatura infantil através dos contos de fadas. Portanto, todos os aspectos aqui tratados, como tipologias, compreensão, interpretação e avaliação dos textos literários e

outros aspetos da literatura infantil são nosso ponto de partida para uma proposta de ensino de literatura atendendo as necessidades da escola, do professor, mas principalmente que possibilite e favoreça ambientes agradáveis e ao mesmo tempo desafiadores para o exercício da leitura. Em nosso projeto de pesquisa, ao propormos contos de fadas como tema de leitura para educação infantil com diferentes aspectos a serem explorados, obtivemos dados a serem considerados, de como poderíamos inserir atividades que atendessem as necessidades já mencionadas para a formação de pequenos leitores. Para Fonseca:

[...]faz todo sentido pensarmos a literatura como porta de entrada para a leitura das crianças. As histórias abordam situações muito próximas de seu cotidiano, falam de famílias, diferentes culturas e épocas, dos sentimentos das relações, alimentam a imaginação e a fantasia, e contribuem com a socialização. Além disso, durante parte da infância as crianças buscam saber o que faz parte da realidade e o que é ficção [...]as histórias as ajudam a compreendê-los (FONSECA, 2012, p. 23).

A princípio, nos baseamos em uma atividade de leitura Permanente, a roda de leitura que, a nosso ver, deve ser permanente, diária, por garantir as crianças um espaço coletivo de construções de conhecimentos, e a sugestão é que esta atividade faça parte do cotidiano das crianças do ensino infantil, “para garantir que a narrativa nasça na criança” (FONSECA, 2012, p. 47). Para isso propomos inserir os contos de fadas nos planejamentos quinzenais e nas atividades diárias de sala de aula, com essa sugestão, podemos observar, em princípio, a sistematização e o interesse pelas obras, através dos títulos, e para estimular esse exercício dispomos na roda de leitura de cestas de livros, com os quais as crianças podem observar títulos, imagens, cores, relacionar títulos e imagens, além de manusear os livros, o que lhes permite uma interação prévia com as obras e com os personagens.

Para superar outro aspecto que desestimula a leitura infantil, propomos antes e depois da leitura dos contos de fadas uma roda de conversa informal, onde aluno e professor possam acordar como serão os momentos da leitura, que personagens gostariam de conhecer mais profundamente, que obras gostariam de ler, que momentos cada um terá para se colocar a respeito das leituras, expressar e compartilhar seus conhecimentos acerca do conto fazendo inferências analogias entre o texto verbal e não verbal, entre outros conceitos e conhecimentos de mundo e de leitura particular de cada um. Esse momento que antecede a leitura funciona como ponte entre o professor e o aluno, em que ambos podem compartilhar suas experiências com a leitura e inspirar novas descobertas para isso o professor pode utilizar-se de práticas que estimulem e instiguem a curiosidade das crianças, como falar superficialmente sobre os personagens, propor leituras complementares, pesquisas bibliográficas, leituras não verbais, em fim, o professor precisa intermediar o momento da leitura para que ela seja significativa

para as crianças, também deve fazer parte do momento de conversa prévia da leitura alguns critérios, como será a leitura? se em voz alta, silenciosa, compartilhada, individual, se feita pelo professor, esses critérios são preestabelecidos, planejados e informados as crianças antes da leitura outra informação que precisa ser transmitida ou negociada com os pequenos leitores são os procedimentos do momento da leitura e pós leitura, para que as crianças possam esquematizar seus saberes objetivando realizar as atividades propostas, além de responder seus próprios anseios de leituras.

Nessa proposta de roda de leitura também consideramos de igual importância o diálogo pós-leitura, no qual os pequenos leitores podem recontar os contos, relacionar as obras, criar suas hipóteses esquematizar seus conhecimentos, podendo fazer parte efetivamente do mundo da literatura. A escolha dos contos de fadas como proposta de leitura para educação infantil também faz parte de uma estratégia que facilita o alcance dos objetivos propostos por fazerem parte de um repertório de clássicos históricos da literatura, por percebermos seu valor cultural, histórico e literário e por apresentarem em seus enredos elementos textuais que nos possibilita explorar vários aspectos da linguagem, seja ela verbal visual ou corporal. De acordo com Fonseca, o professor enquanto mediador do processo de leitura precisa apresentar às crianças “comportamentos leitores,” que são atitudes relacionadas ao ato de ler, como:

- Socializar critérios de escolha de livros;
  - Comentar com as pessoas o que está lendo;
  - Antecipar o que segue em um texto;
  - Saltar o que não entendeu ou não interessa e avançar na leitura para compreender melhor;
  - Recomendar leituras que considera de boa qualidade e/ou importantes, entre outras.
- Além dos procedimentos já propostos, também sugerimos essa conversa após a roda de leitura.

Outro aspecto que precisa ser tratado com cautela e conhecimento são os espaços físicos, como já mencionamos no capítulo anterior, a forma como são estruturados e organizados os espaços evidenciam como será as atividades, o acolhimento e a participação das crianças nas sessões de leitura.

As crianças constroem conhecimento por meio das interações. Ao organizarmos os ambientes temos de pensar não apenas nos espaços físicos, mas também nas interações que eles promovem com os materiais, outras crianças e o professor (FONSECA, 2012, p. 88).



Sendo assim, planejar o espaço físico também faz parte de todo processo de ensino da leitura e da formação de bons leitores. Espaços adequados e propícios são aqueles planejados previamente e que ofereçam mobilidade, conforto e acessibilidade às crianças,

### 5.5 O SIGNIFICADO DOS CONTOS DE FADAS PARA O INFANTIL: contribuição da psicanálise

De acordo com Bettelheim (2002), os contos de fadas asseguram à criança estabelecer significados, compreender suas estruturas psicológicas internas e construir uma maturidade psicológica uma vez que esta leitura ofereça à criança mais que entretenimento, mas estimula sua imaginação, ajudando-a a desenvolver seu intelecto tornando claras suas emoções de modo que ela possa confiar nela mesma e em seu próprio futuro. Para organizar e dar sentido a sua própria existência como a todos os sentimentos inerentes a infância a criança precisa de ajuda, não através de conceitos abstratos, mas por meio do que lhe parece concreto e significativo. Ao longo dos tempos os contos de fadas foram sendo aprimorados a ponto de atender a todos os níveis da personalidade humana, desde a mente ingênua de uma criança em desenvolvimento psicológico quanto a de um adulto. Para Bettelheim (2002),

os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam do ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, em quanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida em que as histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego (2002, p.06).

Os contos de fadas trazem para as crianças um sentido profundo que se concretiza em seu estado psicológico e emocional, mostrando para a criança a mensagem de que seus conflitos internos são para seu crescimento, oferecendo soluções temporárias e permanentes para as dificuldades existentes, enquanto que outras histórias modernas, escritas para criança evitam estes problemas existenciais. O conto de fadas em contraste com esta negação confronta a criança honestamente, apresenta a ela elementos evidentes e básicos para uma compreensão simples. Embora direcionadas para o público infantil, as histórias modernas não narram temas como a morte e velhice enquanto limites de nossa existência, isso dificulta para a criança uma compreensão clara de temas tão inerentes a realidade humana.

Outro aspecto do conto de fadas está em simplificar as situações esboçando claramente as figuras da narrativa de forma que a criança possa assimilar a estória e os personagens como típicos do cotidiano, uma narrativa que trata numa mesma categoria o bem e o mal a vida e a morte, colocando para a criança um dilema existencial de forma breve e categórica e desta maneira permite que a criança aprenda o problema em sua forma mais essencial. A dualidade entre o bem e o mal traz a tona uma percepção de que ambos são onipresentes na vida de todo homem, e para se sobressair nesta dualidade requer uma luta, na qual a criança pode se identificar com as lutas do herói, construindo sua moralidade, baseada nas virtudes e lutas do personagem, uma vez que a criança compartilha dessas lutas e tribulações.

Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETTELHEIM, 2002, p.8).

Ainda de acordo com Bettelheim, há historicamente um consenso entre os pais de que as crianças devem ser distraídas de suas perturbações, ansiedades, fantasias caóticas, suas raivas, de tudo que a perturba. Desta forma só a realidade consciente, agradável e otimista poderiam ser apresentadas à criança, com o propósito de fazê-la acreditar que todos os homens são bons, o que a leva a ter uma visão unilateral impedindo que a criança perceba entre outros aspectos a nossa própria natureza e que todos estes aspectos são da realidade humana. Impreterivelmente a criança sabe que nem sempre, em suas ações, estão de acordo com esta afirmativa e logo se percebem como monstros, diante de seus próprios olhos.

Os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados em grande parte de literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles. Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indireta-mente: medo de escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo. Como cria desconforto num pai reconhecer estas emoções no seu filho, tende a passar por cima delas, ou diminuir estes ditos medos a partir de sua própria ansiedade, acreditando que abrigará os temores infantis (BETTELHEIM, 2002, p.10).

Ao apresentar todas estas ansiedades existenciais à criança o conto de fadas propõe soluções compreensíveis ao nível de desenvolvimento e maturidade dela, em sua mente consciente ou inconsciente a criança entende a mensagem transmitida pelo conto de fadas o que lhe permite abandonar seus desejos de dependência infantil, também é comum para a

criança fazer associações entre os personagens heróis e si mesmo, por isso o destino destes heróis tem o poder de convencer a criança de que ao final da estória, assim como o personagem, sua vida terá final satisfatório mesmo enfrentando dramas como abandono e rejeição.

Em sua análise Bettelheim considera o conto de fadas como sendo uma obra de arte singular, por oferecer significado em diferentes níveis de compreensão, enriquecer e estimular a mente da criança de forma significativa como nenhum outro tipo de leitura e seu significado será único para cada pessoa e a cada leitura.

No entanto, há uma ressalva para o período em que o conto de fadas tem maior atração e valor para a criança, onde suas contribuições podem ser mais intensas, na idade entre quatro e cinco anos. Nessa fase a criança se encontra propensa e vulnerável aos medos, anseios e ansiedades comuns a ela. Assim, podemos perceber, a partir de nosso estudo, que a exploração do conto de fadas como suporte para o ensino de leitura e literatura infantil supera as expectativas de aprendizado para a criança, bem como poderá contribuir de forma significativa para sua formação e desenvolvimento psicológico. O ensino de leitura e literatura infantil, através dos contos de fadas, favorece no contexto da educação infantil uma reflexão a cerca das inúmeras necessidades de aprendizagens das crianças para as quais precisamos lançar mão de todos os suportes, que possam contribuir com nosso trabalho e com o bom desempenho dos alunos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta para este trabalho foi relatar nossas experiências a partir do campo de estágio supervisionado e propor aos leitores uma reflexão acerca do ensino e da aprendizagem de literatura na Educação Infantil, para isso tecemos algumas considerações a respeito da leitura do conto de fadas para o ensino da leitura e literatura infantil. Além disso, analisamos alguns textos teóricos nos quais percebemos a contribuição da leitura de literatura para o ensino na Educação Infantil, bem como nos propomos a utilizar como fonte específica para este ensino, clássicos de nossa literatura: os contos de fadas.

Em nosso trabalho procuramos abordar de forma clara e objetiva questões do ensino e da aprendizagem infantil, no âmbito da leitura, percebemos no decorrer do processo que há um vasto campo de estudos a ser explorado, contudo compreendemos ser necessário iniciar esse percurso, deixamos aqui algumas reflexões a cerca do ensino de literatura, bem como dos contos de fadas na educação infantil, no entanto, sabemos que muitas dessas questões merecem ser analisadas a fundo. Porém, não propomos aqui esgotar o tema, mas colocá-lo em evidência para novas reflexões e contribuições. É necessário percebermos antes de tudo, que não há receita pronta para o ensino de leitura, que o professor deve ter a sensibilidade de perceber as necessidades da criança o que ela deseja ler, para que a leitura possa se tornar sobretudo um ato prazeroso.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_, MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: paz, e terra, 1980.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense 1986.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A leitura In: \_\_\_\_\_ **Alfabetização e linguística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **Literatura Infantil: Visão histórica e crítica**. 2º Ed. São Paulo, Ática, 1982.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1.ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FARIA, M.A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**-21ª edição- São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MACHADO, Maria Clara. **A literatura deve dar prazer**. Revista Nova Escola, São Paulo, n.73, p. 45-48, Abr. 2002.
- MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MELO, Maria do Céu. O Pensar e o Fazer Artísticos na Formação de Professores. **Currículo sem Fronteiras**, v. 5, n. 1, p.96-116, 2005.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer – Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de(org). **O trabalho professora Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PERES, Giani. **Contar Histórias**: Professor-contador contribui para a aprendizagem dos alunos. Revista do Professor, Rio Pardo, 2009.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil**: uma nova perspectiva de alfabetização na pré-escola. São Paulo: FTD, 1988.

SANDRONI Laura; MACHADO Luiz Raul. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática, 1998.

SIMÕES, Vera Lúcia Blanc. **Histórias infantis e aquisição da escrita**. São Paulo. 2000.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

PIMENTA, Selma G.; SOCORRO, Maria L. **O estágio e a formação inicial e contínua de professores**. In: \_\_\_\_\_. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 6<sup>a</sup> ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.